

AS MOURAS ENCANTADAS: UM PANORAMA DAS LENDAS IBÉRICAS À TEINIAGUÁ SIMONIANA

Dnd^a. Elisângela Aparecida Zaboroski de Paula¹ (UFSC, Florianópolis, Brasil)

Resumo

Nossa pesquisa tem como intuito apresentar um panorama relacionando as mouras encantadas do folclore ibérico com a Teiniaguá, a personagem feminina do escritor gaúcho João Simões Lopes Neto (1865-1916), que integra o conto: “A salamanca do Jarau” de seu livro *Lendas do Sul* (1913) e que nada mais é do que uma bela princesa moura que fora encantada por Anhangá-Pitã, o diabo vermelho para os índios guaranis.

Palavras-Chave: Mouras encantadas – Península Ibérica – Teiniaguá – João Simões Lopes Neto

Abstract

Our research has the intention to present an overview relating the enchanted moors of the Iberian folklore with the Teiniaguá, the feminine character of the southern Brazilian writer João Simões Lopes Neto (1865-1916), the character that is part of the tale: “A salamanca do Jarau”, of his book *Lendas do Sul* (1913), which is nothing more than a beautiful Moorish princess who had been enchanted by Anhangá-Pitã, the red devil for the Guarani’s Indians.

Keywords: Enchanted moors – Iberian Peninsula – Teiniaguá – João Simões Lopes Neto

AS MOURAS ENCANTADAS E SUA CONCEPÇÃO IBÉRICA

A concepção da moura encantada no imaginário popular ibérico ressoa a condição da mulher oriental como sinônimo de desconhecido que ao mesmo tempo seduz e causa temor. Na verdade, podemos pensá-la como uma manifestação em pequena escala do que o Oriente assomou e ainda assoma aos olhos ocidentais. Entretanto, a imagem elaborada da moura encantada na Península Ibérica não contará apenas com elementos orientais, pois como aclara o escritor português Alexandre Parafita: “A moura encantada é uma renovação do conceito de fada [segundo os moldes

¹ Elisângela Aparecida Zaboroski de Paula é graduada em Letras – Português/ Inglês pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória – FAFIUV. Possui Mestrado em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Atualmente cursa Doutorado em Estudos da Tradução na PGET/UFSC com pesquisa financiada pelo CNPq.

européus] e resultou das nossas relações com os árabes.” (2006, p. 100) De sorte que podemos encarar a moura encantada como a confluência das culturas de dois mundos: do Oriente Médio e da Europa.

O tema das mouras encantadas é recorrente na literatura mundial e possui raízes pré-romanas, que antecedem em muito a própria constituição dos povos árabes. Basicamente, sua mitologia versa sobre jovens princesas e/ou donzelas muçulmanas sob as quais recai algum feitiço, castigo divino ou maldição. No folclore ibérico, são incumbidas, devido à sua natureza fantástica, de proteger tesouros que, como elas, são encantados e vedados aos mortais comuns.

Além da custódia de tesouros, algumas tradições ibéricas relacionam-nas a uma data específica, a noite de São João, a noite mais curta do ano no Hemisfério Norte, na qual, segundo o folclore europeu, os seres encantados deixam-se ver pelos mortais. Muitos relatos descrevem a aparição de princesas mouras nessa noite, penteando seus cabelos de ouro com um pente do mesmo metal. Aqui, a presença do ouro é uma manifestação das atribuições mitológicas das princesas mouras perante os tesouros. Como confirma Meyer, “O tema das mouras encantadas perdura até hoje em Portugal, entrosado no dos tesouros, que por sua vez aparece em conexão com o das furnas ou salamancas.” (MEYER, 1979, p. 177)

A importância mítica das mouras no Ocidente sobrepõe-se a de seu passado enquanto habitante da Península Ibérica, uma vez que, enquanto mulheres reais desempenharam atividades cotidianas como cozinhar, costurar, lavar, tecer, fiar e amamentar, muito diferentes de sua principal função enquanto mulheres míticas, ou seja, guardar tesouros fabulosos.

De acordo com a tradição da Península, as mouras poderiam sofrer dois tipos comuns de encantamento: o primeiro se consiste no encantamento das mesmas pelos próprios mouros, visto as lutas que eles travavam pela posse do território peninsular. Ora, como os cristãos estavam avançando e ganhando espaço, os mouros deixavam para trás suas companheiras, muitas delas princesas, sob o efeito de um encantamento para que assim fossem capazes de proteger os tesouros do povo árabe e para que um dia eles pudessem retornar e reaver suas fortunas e o domínio do chão ibérico.

Sobre a segunda forma comum de encantamento, a mesma reflete diretamente o evento da miscigenação entre muçulmanos e cristãos. Tal encantamento tratava-se de

um castigo que a moura recebia de seu próprio pai como punição ao ato condenável de relacionar-se com um cristão.

Desse modo, surge o conceito de que a moura seria vítima do seu próprio povo, um ser suplicante que era condenado a passar a eternidade sob encanto, a não ser que o encantamento fosse quebrado, como explicaremos adiante. “A figura da moura surge como vítima, um ser suplicante, expiador das ‘culpas’ da sua etnia e por quem o povo nutre complacência e paixão, enquanto o mouro é apresentado como um ser abjecto.” (PARAFITA, 2006, p. 115)

Não obstante, a moura passa a também ser vista como um paradigma de beleza, do modelo ideal de mulher. Uma super mulher que também pode ser perigosa por seus poderes de sedução. Conseqüentemente, por estarem encantadas e serem as guardiãs de tesouros incalculáveis, quem consegue dominá-las alcança também todas as riquezas que guardam. Alexandre Parafita explica que “[a] moura encantada, no imaginário popular, deve ser entendida como o paradigma da mulher bela, sedutora, mas perigosa se não estiver sujeita ao domínio masculino.” (2006, p. 119)

A crença de que as mulheres mouras são perigosas apresenta a eleição do matrimônio como um ato extremamente arriscado se o homem não a dominar. Para Llinares, (1990, p. 48) “o meio de controle [da moura] é a submissão sexual: as mouras deixam de ser perigosas e, além disso, dão grande riqueza ao homem quando este consegue dominar o seu aspecto sexual selvagem.”

Vista sob a perspectiva do homem ocidental, que cria a sua imagem particular do oriente, a moura apresenta-se como uma “miragem inventada [...], que [...] seu imaginário construiu, desde tempos longínquos, um arquétipo de mulher oriental voluptuosa, associada a danças eróticas e a outras exuberâncias corporais.” (PARAFITA, 2006, p. 120) Logo, a mulher árabe aparece então como símbolo da sexualidade e da dominação masculina. Certamente, por isso não era temida nessas condições, pois era facilmente dominada pelo ato sexual.

É interessante observar que um dos principais recursos de sedução da moura encantada são os seus cabelos. No folclore ibérico, a exibição dos cabelos soltos por uma mulher a um homem tem nítidas conotações sexuais, motivo pelo qual se recomendava às moças solteiras da região que tomassem grande cuidado com seus cabelos. Todavia, semelhante visão contradiz a tradição religiosa e social muçulmana,

em que a exposição dos cabelos de uma mulher adulta é proibida a homens que não sejam o seu marido ou os seus parentes próximos.

No que se refere à aparição das mouras encantadas, diversas são as formas sob as quais elas se apresentariam aos humanos, dentre as quais a mais recorrente é a de uma serpente. A metamorfose da moura em serpente representa todo um universo de cultos pagãos europeus, pré e pós cristãos. Na Península, um dos principais rituais com ofídios foi o culto ofiolátrico, vulgarmente conhecido como culto das serpentes. Parafita (2006, p. 141), nos atesta que “inúmeros petróglifos de serpentiformes têm sido detectados e que são testemunho da enorme presença de um culto ofiolátrico na região”. Não causa estranheza, pois, que o imaginário ibérico tenha associado a moura encantada à serpente, em função do caráter mítico que ambas representam, pois a moura é a guardiã de tesouros, ao passo que a serpente é interpretada sob à luz dos velhos mitos e lendas como um ser que intimida e amedronta e que também protege tesouros, já que seu

aspecto aterrador induz uma auto-ponderação por parte dos mais ousados quando empreendem a busca dos tesouros, de tal modo que, no auge da sua ousadia, acabam, geralmente, por denunciar as fragilidades da condição humana, ao desistirem ou fracassarem, por incapacidade, por medo ou covardia. (PARAFITA, 2006, p. 143).

Além da aparência serpentiforme, Parafita cita outros aspectos que podem ser assumidos pelas mouras encantadas:

boi, sapo, figurão, velha, bichos, damas a fumar charuto, leão, duas estátuas de pedra, cabra, mula, touro bravo, lagartos, mulher, diabo na forma de bicho horrendo, uma voz, guerreiros, gigantes e o diabo em forma de touro preto. Estes seres encantados têm a mesma missão: guardar tesouros, dificultando ou impedindo o acesso a ele por parte dos humanos. (2006, p. 141)

Não é demais lembrar que a Teiniaguá simoniana assume, após seu encontro misterioso com Anhangá-Pitã, a forma de um lagarto, ou mesmo, como diz o próprio autor “uma lagartixa engraçada e buliçosa”. (LOPES NETO, 2006, p. 203) E é nessa nova forma existencial que ela atrai o Sacristão, homem que sabia das histórias contadas a respeito dela, como veremos adiante.

Elemento comum nas tradições e mitologias de quase todos os povos, a serpente, na concepção ocidental, é um animal que mescla o bem e o mal, já que por um

Revista Litteris – www.revistaliteris.com.br setembro 2011

lado ela representa a renovação da vida através de sua troca de pele, e por outro representa a morte com o seu veneno poderoso. A moura, por sua vez, também pode ser vista sob esta perspectiva, pois, é a mulher que gera a vida, no entanto, é também aquela que está sob o efeito de uma magia ou encantamento que implica de algum modo o mal. Assim, moura e serpente unem-se em razão de tais semelhanças.

Contudo, o poder de sedução é o traço mais comum entre as figuras da moura e da serpente: a primeira, com seus cabelos soltos, e a última, com seu olhar hipnótico e traiçoeiro. No caso do folclore ibérico, o imaginário popular definiu-as ali quase como uma coisa só, onde uma transforma-se na outra ou convergem em um único ser metade humano metade animal. Essa construção cultural traz arraigada em si uma profunda conotação sexual. Como afirma Llinares, “La serpiente [...] representa la sexualidad femenina activa, y por lo tanto desmesurada y perversa.” (1990, p. 145)

Evidentemente, que a associação da moura à serpente no seio de uma sociedade cristã não deixaria de privilegiar em suas manifestações a metonímia de ambos os seres com o demônio ou a tentação da alma, ligação que remonta ao Livro do Gênesis, no qual a serpente é a responsável pela queda do homem.

A serpente era o mais astuto de todos os animais dos campos que o Senhor Deus tinha formado. Ela disse à mulher: “É verdade que Deus vos proibiu de comer do fruto de toda a árvore do jardim?” A mulher respondeu-lhe: “Podemos comer do fruto das árvores do jardim. Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: Vós não comereis dele, nem o tocareis, para que não morrais.” – “Oh não! – tornou a serpente – vós não morrereis! Mas Deus bem sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abriram, e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal.” (GÊNESIS, 1995, 3, 1-5)

Sobre essa passagem, Parafita comenta: “Representada no feminino, vemo-la [a serpente] no Éden como metáfora do demônio, associada á tentação e á irremediabilidade do pecado” (2006, p. 142) Logo, também a guardiã árabe de tesouros é vista sob perspectiva idêntica, uma vez que revela seu poder de sedução, que é sinônimo de pecado, em boa parte pelo seu caráter erótico. A moura, com seu caráter de mulher voluptuosa, vem para desvirtuar o cristão, função que também o diabo ocupava nas crenças medievais. Além disso, outro aspecto que os une são as riquezas que ambos podem proporcionar: a moura, através dos tesouros ocultos de seu povo, e o diabo, por meio de seu poder a serviço da obtenção de almas para o inferno.

Como o demônio na imaginação do medievo, a moura encantada habita lugares subterrâneos e obscuros como covas, fragas, ruínas de antigos castelos e mosteiros, construções abandonadas que causavam inquietação e medo nas populações.

Na maioria dos relatos lendários afirma-se que elas vivem nos subterrâneos, locais com pouca ou nenhuma luz, ou ainda em imponentes castelos em baixo da água, escondendo-se dos humanos, pois sua presença causa grande impacto aos olhos dos homens. Em consonância com isso, todos que afirmaram ter visto uma moura encantada a observaram apenas de longe e sempre no período noturno (uma vez que elas jamais saem ao dia) a pentear seus lindos cabelos com um pente de ouro.

A respeito dos esconderijos das jovens mouras, Jesús Callejo informa que: “Estes seres fantásticos femeninos moran en pequeñas lagunas, ríos, castros, pozos, cuevas, minas... pero casi sempre bajo tierra” (2006, p. 164), e esclarece:

Suelen ser denominadas ‘encantadas’ cuando adoptan la forma de serpiente – llamadas ‘serpes’ y ‘cóbregas’ en Galicia y relacionadas con el agua y la mujer – o ‘mouras’ cuando se vinculan a un castro, mámoa o monumento prehistórico, saliendo por las noches a peinar sus cabellos. (2006, p. 164)

Geralmente, quando algum homem relatou ter visto uma moura, ele sempre ligou a sua aparição à atividade de vê-la mexendo em sua “vistosa e solta cabeleira que penteia com pente de ouro” (PARAFITA, 2006, p. 119). É lícito pensar o ouro aqui como a representação de todos os tesouros que a moura pode oferecer ao homem que se render aos seus encantos.

A invenção de tesouros árabes ocultos é recorrente principalmente no imaginário popular galego. Aliás, considera-se a região da Galícia, na Espanha, a cidade de origem das mouras encantadas.

Todos os tesouros e encantamentos do antigo reino da Galiza acham-se depositados pelos Mouros e Romanos em esconderijos subterrâneos. A maior parte deles, segundo declara o pergaminho, ficam a pequena distância das nascentes de água, que conservam a sua fluência mesmo durante os calores mais rigorosos. Esta prevenção de Mouros e Romanos dá a entender que sendo expulsos daqueles territórios depois das guerras porfiadas, levavam a esperança de voltar a estabelecer-se ali mais tarde, e por isso foi que deixaram parte de seus haveres escondidos, temendo que lhes fossem saqueados pelas legiões invasoras. (RISCO, 1979, p. 317)

Cabe expor, que as riquezas árabes em solo ibérico sempre foram motivo de curiosidade e dúvida acerca da sua efetiva existência. Os registros dos primeiros relatos acerca da possível veracidade de tais riquezas podem ser encontrados na obra *Liber Sancti Jacobi*, (séc. XII), escrita por ordem do Papa Calixto II. O livro é um guia para os peregrinos a Santiago de Compostela e nele podem ser observadas algumas referências e notícias no que diz respeito aos tesouros árabes da velha Galícia. A obra é composta por cinco volumes e “é suficientemente explícita em, pelo menos, dois deles sobre a existência dos tesouros dos mouros.” (PARAFITA, 2006, p. 130) No volume IV, “Pseudo-Turpin”, por exemplo, registra-se a conquista da Espanha por Carlos Magno e ali se pode ler, como nos afirma Risco (1979, p. 317), “que os mouros ocultaram os seus haveres debaixo da terra e fugiram.” No volume que se segue, alude-se às terras espanholas como locais de guarda de riquezas árabes: “estas terras são apresentadas como ricas em ouro e prata e, sobretudo, em tesouros sarracenos.” (MORALEJO, 1951, p. 523) Em consequência dessas crenças em tesouros ocultos no solo peninsular, Benito Jerônimo Feijóo, em suas *Cartas eruditas y curiosas* (1742/1760), menciona todo um conjunto de práticas para tentar encontrar tais tesouros, entre as quais: “recitação de evangelhos, orações e responsos a Santo António, uso de incenso, mirra e água benta, evocação da Santíssima Trindade, etc.” (FEIJÓO, 1781, p. 19).

A despeito de sua conformação mítica, Parafita julga verossímil a possibilidade de eventuais riquezas mouras estarem enterradas em solo ibérico, pois,

quando se encaram os mouros como os antigos ‘donos’ das antas, mamoadas e grutas, ou como os antigos habitantes dos castros, necessariamente deve admitir-se uma relação efectiva com os tesouros, ou não fossem reais as imensas notícias do aparecimento, em muitos destes espaços, de joias em ouro e outros metais e objectos preciosos. (PARAFITA, 2006, p. 132)

Ademais, a difusão das crenças de que os mouros teriam escondido seus tesouros para protegê-los e mais tarde buscá-los deve muito aos diversos cultos pagãos realizados na região ibérica. Em tais cultos haviam cerimônias que se constituíam da entrega e depósito de oferendas em lugares como os castros, para as entidades adoradas. Certamente é por isso que foi comum encontrar-se nesses ambientes objetos de valor. Vicente Risco defende a ideia de que os tesouros encontrados na Península e, em

especial na região da Galícia, derivam dos “tesouros autênticos, procedentes dos tempos pré-históricos descobertos em grande proporção na região da Galiza, [...] compostos por objectos áureos de grande peso e por peças soltas em ouro.” (RISCO, 1979, p. 323-324)

Outra associação que o imaginário ibérico faz aos mouros é a sua ligação com os povoamentos pré-históricos remanescentes na região. Segundo a cultura popular, os mouros seriam os habitantes e construtores de locais e monumentos neolíticos, conforme já aludimos rapidamente. A relação ocorreu devido aos sítios pré-históricos estarem em conformidade com os locais de habitação presumidos para os mouros e as mouras. À propósito destas, Vicente Risco (1979, p. 314) assegura que elas são “habitantes dos nossos monumentos antigos, monumentos que os mouros construíram para que neles elas ficassem encantadas.” Via de regra, lugares dos quais se desconhecem seus construtores foram associados automaticamente à figura dos mouros míticos e das mouras encantadas. Como diz Parafita (2006, p. 126):

Aconteceu com os castros, as citânias, as antas e mamoadas, as pedras escritas, os penedos com riscos ou sinais, os caminhos velhos, as aras e lápides antigas, as pedras milenárias, as pontes velhas, os castelos medievais, mesmo algumas igrejas que chamam a atenção para qualquer coisa ou em que não se sabe quem as construiu, as muradelas que se vêem nos montes, os penedos onde existem corgos, fontes, covas, fornos, e etc.

Cabe notar que as mouras encantadas tiveram seus espaços de habitação melhor definidos pelo folclore luso-espanhol. Existem três tipos de espaços que seriam habitados por mouras encantadas: o primeiro consiste em lugares onde não é possível a vida humana, ou seja, embaixo da terra e da água, dentro de covas e rochas e ainda em grandiosos palácios feitos de ouro. O segundo lugar habitável por mouras são os ambientes que Parafita (2006, p. 127) denomina de lugares com “restos de actividade cultural”, sendo eles os castrosⁱ, as mamoadasⁱⁱ, ruínas em geral, petróglifos e canteiras. O terceiro e último lugar de habitação seriam os ambientes naturais que possuíssem alguma característica que os apresentasse como “feitos”, tal como lugares com indícios de actividade cultural muito antiga, indícios que Parafita classifica como “pegadas de actividade cultural” (PARAFITA, 2006, p. 127) e que são representados pelas rochas erodidas, as depressões em terrenos, agrupamentos rochosos, acidentes naturais de forma geométrica, como é o caso dos poços no leito dos rios e das rochas furadas.

Por sua vez, nos lugares mencionados existem cerca de quatro espaços-modelo onde as mouras descansariam, residiriam e guardariam seus tesouros, sendo eles os castros ou castelos, as fontes, as fragas e as grutas. Em sua grande maioria, tais lugares habitados por mouras, apesar de não impossibilitar o acesso dos homens, não são visitados nem mesmo pelos camponeses, devido à sua localização problemática e o solo de suas cercanias ser improdutivo. Outra razão de não serem muito frequentados é a disposição geográfica do solo, bastante desviada do povoamento, motivo que propicia a sua observação cômoda apenas à distância. Daí explica-se a circunstância das mouras, na grande maioria dos relatos, serem vistas quase que exclusivamente por pastores, “seres solitários, quase míticos, que passam o seu tempo afastados das povoações e dos lugares onde mais se faz sentir a vida humana” (PARAFITA, 2006, p. 128), o que lhes confere semelhança em relação a elas. Certamente entre ambos existe a partilha de um *topos* comum, pois “a vegetação [de suas habitações] ou não existe, ou, existindo, não é ‘domesticada’ pelo homem. (PARAFITA, 2006, p. 128)

Novamente aqui irrompe a problemática da alteridade, dentro da qual os domínios da moura representam a existência de uma raça de seres diferentes, simbolizando o “Outro”, figura que paradoxalmente acentua a identidade dos povos da Península, os quais diante do estranhamento proporcionado pelo desconhecido vêm-se como iguais. Parafita não deixa de notar esta importante relação, sublinhando que para “esse paradigma contribuem grandemente os lugares e as circunstâncias em que [as mouras] habitam.” (PARAFITA, 2006, p. 128). Antes de mais nada, deve-se explicar que a figura do pastor, muito mais do que o simples emprego de um personagem-tipo, caracteriza a eleição de uma categoria de homem para o encontro com as mouras, de modo que o pastor aparece como uma espécie de “entidade mediadora” nas tentativas de relação entre as entidades míticas e os humanos.

Finalmente, as mouras enquanto seres míticos e encantados também podem relacionar-se à ideia de encarceramento, pois, como sabemos, estão fadadas ao zelo de objetos mágicos. Sua libertação ou possível desencantamento, bem como acontece com os tesouros que protegem, seriam possíveis apenas na noite de São João. As formas de seu desencantamento são variadas e podem ocorrer desde um simples beijo que o apaixonado pela encantada deve dar em sua boca, enquanto ela está sob a forma de serpente. No entanto, o folclore registra que a maneira mais evidente e habitual de

desencantar uma moura é “arrancar, normalmente con la boca, una flor o flores que la mora transformada en serpiente lleva a veces también en la boca, en la cabeza o en la punta del rabo.” (LLINARES, 1990, p. 151)

A simbologia da flor na cultura ibérica, assim como em inúmeras outras culturas, parece remeter ao ato sexual, onde a ação de arrancar a flor equivale à sua consumação. Há também a suposição de que a flor representa o feminino submisso perante a dominação masculina. Na língua portuguesa, a etimologia do verbo “deflorar” tem aí sua explicação.

Portanto, vista pelo imaginário popular como uma mítica guardiã de tesouros e que pode remeter metonimicamente ao diabo, a moura encantada responde ao perfil feminino que a Idade Média ocidental estereotipou como causa das mazelas da sociedade cristã e do mundo civilizado. Jacques Le Goff (1994, p. 146), comenta que na mentalidade do homem do ocidente “O corpo da mulher é o lugar de eleição do Diabo”. Além disso, a moura fabulizada encarna uma faceta da imagem do estrangeiro que causa um sentimento ambivalente, de medo e, ao mesmo tempo, de atração. E é exatamente assim que ela, a Teiniaguáⁱⁱⁱ, a moura encantada é apresentada pelo escritor gaúcho João Simões Lopes Neto em seu conto “A salamanca do Jarau”.

TEINIAGUÁ: A MOURA ENCANTADA DE JOÃO SIMÕES LOPES NETO

A Teiniaguá simoniana, é o ser que rasteja, que também pode ser visto e entendido como aquele que tem a necessidade de esconder-se sempre por advir de um local impuro, profano, diga-se, as profundezas da terra. Em comum com as mouras ibéricas, ela também habita um local encantado e inacessível aos humanos, onde fica protegida dos mesmos. A Teiniaguá, porém, é punida por dois motivos: em um primeiro momento por ser moura, e por isso Anhangá-Pitã a encanta, porque sua raça tem no coração a ganância de riquezas que o povo platino não possuía; e em um segundo momento, por ter se relacionado com um cristão, é condenada a viver enclausurada no cerro do Jarau. Diferentemente, de seus ancestrais ibéricos ela não pode sair nem mesmo no período noturno como o fazem as encantadas ibéricas.

Na lenda simoniana a moura encantada tem uma relação mais complexa com o diabo do que as suas congêneres europeias. Dada sua intimidade com ele, a Teiniaguá

pode ser considerada, como quer Ligia Chiappini (1988, p. 188), “filha de Anhangá-Pitã, o diabo vermelho dos índios guaranis.” Ao colocar esta ligação de forma bastante explícita e elucidativa, Simões Lopes Neto instaura um marco divisório na trajetória de sua moura, a qual, como já vimos, é narrada desde sua fuga de Salamanca até a sua libertação da prisão do cerro do Jarau por Blau Nunes. É Anhangá-Pitã que a transforma em carbúnculo, animal mítico que no lugar da cabeça possui uma pedra incrustada, no caso da moura de Simões, o seu condão mágico.

Assim Simões Lopes Neto narra o encantamento da Teiniaguá:

Anhangá-Pitã folgou, porque assim minava para o peito dos inocentes as maldades encobertas que aqueles chegados [mouros] traziam... [...] e lançando o bafo queimante do seu peito sobre a fada moura, demudou-a em Teiniágua, sem cabeça. E por cabeça encravou então no novo corpo da encantada a pedra, aquela, que era o condão, aquele. E como já era sobre a madrugada, no crescimento da primeira luz do dia, do sol vermelho que ia querendo romper dos confins por sobre o mar, por isso a cabeça de pedra transparente ficou vermelha como brasa e tão brilhante que olhos de gente vivente não podiam parar nela, ficando encandeados, quase cegos!... E desfez-se a companha, até o dia da peleja da nova batalha. E chamaram – salamanca – à furna desse encontro; e o nome ficou pras furnas todas, em lembrança da cidade dos mestres mágicos. (LOPES NETO, 2006, p. 200)

Do encontro da Teiniaguá com o diabo-Anhangá-Pitã na furna platina nasce na lenda simoniana a atividade da moura como guardiã de tesouros, os quais são apresentados a ela pelo próprio diabo indígena. Segundo a narrativa de Simões Lopes Neto (2006, p. 200)

Levantou-se um ventarrão de tormenta e Anhangá-Pitã, trazendo num bocado a Teiniaguá, montou nele, de salto, e veio correndo sobre a correnteza do Uruguai, por léguas e léguas, até as suas nascentes, entre as serranias macotas. Depois, desceu, sempre com ela; em sete noites de sexta-feira ensinou-lhe a vaqueanagem de todas as furnas recamadas de tesouros escondidos... escondidos pelos caúflas, perdidos para os medrosos e achadios de valentes... E a mais desses, muitos outros tesouros que a terra esconde e que só os olhos dos zaoris podem vispar...

O que diverge na lenda simoniana em relação aos relatos populares ibéricos é o fato de que a Teiniaguá foi encantada pelo próprio diabo e é ele o detentor dos tesouros que a ela são apresentados, diferentemente do que acontece no repertório luso-espanhol, em que as mouras são encantadas e incumbidas de vigiar tesouros por terem cometido algum ato condenatório segundo os preceitos de sua etnia ou por serem escolhidas para

custodiar as riquezas de seu povo até o dia em que os soldados do Crescente possam voltar e retomar o que lhes é de direito. Neste caso, a imagem direta do diabo é substituída pelos próprios mouros, que seriam os detentores das artes mágicas.

Um significativo referente de aproximação da moura simoniana com as ibéricas, e que as associam de alguma forma ao diabo, é a sua permanência em habitações subterrâneas e subaquáticas, em si lugares obscuros e evitados pelos humanos. No caso de Simões Lopes Neto, a Teiniaguá habita tanto a furna encantada em que a sua ligação com o diabo foi selada quanto a lagoa brava fervilhante nas margens da qual o Sacristão a aprisiona em uma guampa. Porém, a cavidade do Cerro do Jarau é a sua principal moradia e o local onde o tesouro encantado encontra-se oculto. Os homens costumam procurar a Teiniaguá em busca de suas riquezas. Já a ligação das mouras encantadas luso-espanholas com os homens realiza-se, sobretudo, através do ato sexual, pelo qual são dominadas, resultando daí a concessão das riquezas de que são detentoras.

Contudo, a união sexual de uma moura encantada com um humano também se faz presente na lenda do Cerro do Jarau, pois a Teiniaguá une-se ao Sacristão e possibilita ao mesmo a realização de todos os seus desejos. É lícito recordar que o Sacristão não sabe de antemão que a Teiniaguá que captura, sob forma reptiliana, é uma bela moura. O que o personagem sabe previamente são apenas as informações difundidas por histórias que ele ouvira e que falavam dos favores que poderiam ser obtidos por aqueles que conseguissem aprisionar e dominar o animal encantado. Segundo o Sacristão simoniano: “Pelo falar do padre superior eu bem sabia que quem prendesse a teiniaguá ficava sendo o homem mais rico do mundo, mais rico que o Papa de Roma e o imperador Carlos Magno e o rei da Trebizonda e os Cavaleiros da Távola.” (LOPES NETO, 2006, p. 204)

Mas na lenda do escritor gaúcho a obteção dos favores da Teiniaguá implica no compartilhamento da sina infeliz da moura. Nem bem o Sacristão obtém o amor dela, cai em desgraça, e o seu ato “impuro” o conduz à condição de guardião do Cerro, tornando-se então um “vulto de face branca e tristonha”, cujo dever é acompanhar “os homens de alma forte e coração sereno que quiserem contratar a sorte na salamanca.” (LOPES NETO, 2006, p. 212)

Há que se sublinhar que a relação entre Sacristão e Teiniaguá é também considerada impura porque ambos unem-se “fora do casamento, o que constitui para a Igreja Católica um ato ilícito, portanto, pecaminoso. Além disso, une-se a uma princesa-moura, de outra religião.” (BAVARESCO, 2003, p. 108)

E quanto a Blau Nunes? Sua função na lenda simoniana, diante de uma comparação com as lendas das mouras encantadas ibéricas, equivale primordialmente às figuras dos pastores peninsulares que são o ponto de mediação ou convergência do mundo sobrenatural com o real. Blau serve de ponte entre esses dois mundos diante de sua condição de indivíduo que oscila entre ambos. Ademais, só ele é capaz de libertar os amantes condenados pelo motivo de ter sido ele o único que encontrou a fumaça do Jarau por mero acaso, sem ter nos olhos a cobiça e a inveja comum dos homens, uma vez que todos os outros que ali chegaram vieram movidos pela ganância. Frise-se que Blau inicia e obtém a salvação do Sacristão e da Teiniaguá primordialmente pelo seu desapego material e pelo tratamento cristão que dispensa aos encantados. O próprio Sacristão reconhece o seu comportamento: “Todos os que vieram são altaneiros e vieram arrastados pela ânsia da cobiça ou dos vícios, ou dos ódios: tu foste o único que veio sem pensar e o único que me saudou como filho de Deus.” (LOPES NETO, 2006, p. 212)

Palavras que têm poder sobre o mundo imanente e transcendente, a saudação desavisada de Blau age como uma espécie de antídoto ou quebra do encantamento que aprisiona os dois condenados no Jarau. Sua essência é emblema cristão e profissão de fé porque em uma história moralmente cristã apenas a fé conjugada ao amor e à humildade pode proporcionar a redenção. Para o Sacristão, a salvação deverá advir “quando a terceira saudação de cristão bafejar estas alturas, o encantamento cessará, porque eu estou arrependido... e como Pedro Apóstolo que três vezes negou Cristo foi perdoado, eu estou arrependido e serei perdoado.” (LOPES NETO, 2006, p. 213)

Sinônimo da salvação terrena e espiritual, o desencantamento significa também a anulação de todos os elementos que se originam do fado dos aprisionados, pois,

está escrito que a salvação há de vir assim; [...] e quando cesar o meu [Sacristão] cessará também o encantamento da teiniaguá: e quando isso se der a salamanca desaparecerá, e todas as riquezas, todas as pedras finas, todas as peças cunhadas, todos os sortilégios, todos os filtros para amar por força... para matar... para vencer, tudo, tudo, tudo se virará em fumaça que há de sair

pelo cabeça roto do cerro, espalhada na rosa dos ventos pela rosa dos tesouros. (LOPES NETO, 2006, p. 213)

Manifestação do perdão de Deus, o desencantamento na lenda simoniana emula a liberdade e um recomeço: “aquele par novo, de mãos dadas como namorados, deu costas ao seu desterro, e foi descendo a pendente do coxilhão.” (LOPES NETO, 2006, p. 227) Sua natureza destoa do desencantamento das mouras no folclore ibérico, que não redime perante o sagrado, mas é tão somente uma consequência da dominação fálica da estrangeira. Talvez seja interessante pensar a dominação masculina das mouras encantadas da Espanha e Portugal como uma chave de nova dominação, visto que submissa anteriormente ao encanto a moura liberta passa então a estar sob o jugo de seu libertador.

No mais, como em alguns relatos ibéricos o desencantamento das mouras é associado a rituais demoníacos, nelas a libertação da moura pode também representar a condenação de seu salvador, que põe em perigo sua alma ao compartilhar um rito e um ambiente afeitos ao demônio, como o creram as mentalidades do medievo. Parafita comenta que “O ritual de desencantamento é, claramente, uma prática esotérica que implica a adesão a códigos diabolizados ou satânicos. Participar representa, por isso, penetrar nos domínios do demônio.” (2006, p. 163)

Semelhante situação acarreta uma condição contraditória, já que o seu malogro reflete justamente a meta do caminho percorrido pelos personagens simonianos. Em síntese, “o insucesso do desencantamento representa o triunfo da moral cristã” (PARAFITA, 2006, p. 163). Em Simões Lopes Neto, a solução é competência apenas do perdão divino, com o prevalecimento exclusivo do bem.

Note-se que a imagem medieval típica gerada no seio da Europa, onde a mulher irrompe como símbolo do mal, é mais forte na narrativa de Simões do que na moura encantada padrão do folclore ibérico. Na narrativa de Simões Lopes Neto, a moura, transmutada em Teiniaguá, perverte o Sacristão e o faz abjurar a sua fé cristã. Segundo Flávio Loureiro Chaves, a moura simoniana pode ser assim definida: “Mulher/ bicho imundo, porque é a causa da tentação e do erro. Ela é a imagem do abismo e da desordem; tem a conotação da falsidade, traição e feitiço. Mulher/ demônio, porque é associada a Anhangá-pitã; a mulher/ moura que se vota a destruição da cristandade.” (CHAVES, 1982, p. 92)

Ao estabelecer o seu vínculo com a moura, o Sacristão da Missão de São Tomé vê-se condenado duplamente: pela lei secular da Igreja e pelo feitiço que envolve a própria Teiniaguá. Se a moura salva o jovem da morte imposta pelos que se intitulam representantes terrenos do poder de Deus, ela não obtém o mesmo sucesso diante do poder divino em si, o qual condena ambos à clausura no Jarau. Em um lamento profundo dessa sua sorte, o Sacristão não é nenhum pouco condescendente com a sua amada: “Fui sentenciado a morrer pela morte no garrote, que é infame; condenado fui por ter dado passo errado com bicho imundo, que era bicho e mulher moura, falsa, sedutora e feiticeira.” (LOPES NETO, 2006, p. 208) Todavia, o mal passo do Sacristão é justificado pelo mesmo: “ia eu começando o meu fadário, todo dado à teiniaguá, que me enfeitiçou de amor, pelo seu amor de princesa moura, pelo seu amor de mulher, que vale mais que destino de homem!” (LOPES NETO, 2006, p. 211)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, na concepção ibérica, a moura encantada, apesar de pertencer à etnia islâmica e de ser observada como um ser encantado é também vista como uma vítima de sua própria gente, pois, foi deixada para trás, em terras estrangeiras, enquanto os seus foram, forçosamente, retirados da Península. Por ser vítima de um encantamento é encarada com piedade pelos “humanos” que a consideram um ser expiador dos pecados de seu povo, o que não quer dizer que ela seja olhada a partir de uma perspectiva que lhe concede humanidade em demasia, já que sua condição será sempre a de um ser que deve ser evitado, seja por seu caráter sexual ou por estar sob o efeito de um feitiço, instância de práticas pagãs e do próprio diabo. Por sua vez, a Teiniaguá simoniana também é o símbolo das associações com o demônio, do ser que deve ser evitado, porém, ela não causa, em nenhum momento como as mouras ibéricas, compaixão, restando à mesma somente o clausuro e a condenação no Jarau. Sua condição de mulher moura encantada por Anhangá-Pitã só lhe é útil para atrair aqueles que queiram contratar pactos com o maligno na salamanca do cerro. Seu caráter sexual é um convite aos homens de coragem que a desejam, assim como Blau Nunes, que passa por sete provas e que como prêmio quer apenas o amor da encantada. Ela é também uma vítima

dos sortilégios, mas somente a bondade divina pôde libertá-la, eis sua diferença principal em relação às mouras do folclore luso-espanhol.

REFERÊNCIAS

BAVARESCO, Agemir. *Aprender a ser gaúcho: a Salamanca do Jarau de João Simões Lopes Neto*. Porto Alegre: WS editor, 2003.

BÍBLIA. Português. GÊNESIS. In: *Bíblia Sagrada*. Trad. do Centro Bíblico Católico. Revisão: Frei João José Pedreira de Castro. Edição Claretiana. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1995.

CALLEJO, Jesús. *Hadas: Guía de los seres mágicos de España*. Madrid: EDAF, 2006.

CHAVES, Flávio Loureiro. *Simões Lopes Neto: regionalismo e literatura*. Série Documenta 12. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

CHIAPPINI, Ligia. *No entretanto dos tempos: literatura e história em João Simões Lopes Neto*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

FEIJÓO, Benito Jerónimo. *Cartas eruditas y curiosas*. Madrid: Blas Román, 1781.

LE GOFF, Jacques. *O Imaginário Medieval*. Lisboa: Estampa, 1994.

LLINARES, María del Mar. *Mouros, Ánimas, Demónios: El imaginario popular gallego*. Madrid: Akal universitária, 1990.

LOPES NETO, João Simões. *Contos Gauchescos. Lendas do Sul*. Edição crítica por Aldyr Garcia Schlee. Porto Alegre: UNISINOS, 2006.

MEYER, Augusto. *Prosa dos pagos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

MORALEJO, Abelardo. (Org. e Trad.) *Liber Sancti Jacobi. Codex Calixtus*. Santiago de Compostela: Instituto Padre Sarmiento de Estudos Galegos, 1951.

PARAFITA, Alexandre. *A mitologia dos mouros*. Lendas, mitos, serpentes e tesouros. Lisboa: Gailivro, 2006.

RISCO, Vicente. *Etnografia: Cultura Espiritual*. Madrid: Akal editor, 1979.

ⁱ **Castros:** ruínas de um povo das montanhas que habitou o noroeste ibérico durante a Idade do Ferro.

ⁱⁱ **Mamoa:** monte arredondado de pedras ou outro material de onstrução que geralmente recobre câmaras pré-históricas escavadas em determinado terreno.

ⁱⁱⁱ A personagem feminina que integra o conto “A salamanca do Jarau” do escritor gaúcho João Simões Lopes Neto (1865-1916), em seu livro *Lendas do Sul* (1913). Ela é uma princesa árabe que foi encantada pelo diabo, Anhangá-Pitã, e que por sua condição de encantada, de mulher muçulmana e de mulher apaixonada por um Sacristão das Missões Jesuíticas em São Tomé, foi condenada ao clausuro do cerro do Jarau. Ela associa-se ao diabo, protege tesouros e entrega os mesmos, ao homem que aceitar o desafio de entrar na salamanca encantada e passar por sete provas.